

**SUBJETIVIDADE E AFASIA:
A RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM
DE UM SUJEITO AFÁSICO**

Raiane Silva Souza (UESB)

raianes.souza@hotmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

nirvanafs@terra.com.br

RESUMO

A partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva Coudry (1996, 2002, 2008, 2011), objetivamos investigar o funcionamento de linguagem de um sujeito afásico, a maneira pela qual ele reconstrói a sua linguagem, assim como demonstrar que em sua linguagem há expressão de subjetividade quando inserido em práticas discursivas, evidenciando que há um trabalho *com* e *sobre* a linguagem. Os dados foram coletados a partir de um acompanhamento longitudinal e do conceito de *dado-achado* delineado por Coudry (1991/1996). A relação entre cérebro e linguagem é tomada pelo ponto de vista enunciativo, ou seja, da linguagem em funcionamento. Para tanto, utilizamos Benveniste (1963) como autor âncora no que diz respeito ao estudo da subjetividade, resultados parciais mostram que o sujeito afásico reconstrói a sua linguagem através do estabelecimento de enlaces (Luria 1987), associações (Freud 1891 [1973]), seleções e combinações (JAKOBSON, 1999) que geram novas formas de produção do discurso. O sentido dos processos de significação não está previamente determinado, mas é construído no momento da interlocução através do contexto aliado ao conhecimento partilhado pelos interlocutores e a história de vida do afásico, possibilitando a comunicação e a expressão da subjetividade.

Palavras-chave: Afasia. Neurolinguística. Subjetividade

1. Introdução

Este trabalho⁵⁰ tem como base uma concepção de neurolinguística cunhada por Coudry (1986, 2008) onde aspectos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos estão entrelaçados no processo de produção de sentido. A neurolinguística discursiva toma como hipótese a indeterminação da linguagem formulada por Franchi (1977/1992), assim como assume, a partir desse autor, uma concepção de linguagem historicamente constituída.

⁵⁰ Este trabalho é parte integrante do projeto *Estratégias Linguísticas e Extralinguísticas Utilizadas por um Sujeito Afásico para se Manter na Interação*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UESB e financiado pela FAPESB. CAAE: 31945114.8.0000.0055

Essa perspectiva discursiva orienta o trabalho de linguagem desenvolvido com os afásicos de forma que a vida e a história do sujeito sejam consideradas no processo de reinserção social, assim como os pressupostos da neurolinguística descritiva direcionam a prática com a linguagem e as atividades desenvolvidas. Nesse sentido, a proposta desse trabalho consiste em descrever e analisar as estratégias linguísticas utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação, assim como pretende-se ressaltar o papel que o interlocutor exerce na reconstrução da linguagem de sujeitos afásicos quando inseridos em práticas sociais de uso da linguagem.

Com o propósito de evidenciar a dinâmica dos acompanhamentos em grupo realizados no Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos (ECO), analisamos um recorte de uma atividade realizada no grupo que nos permite observar a maneira como os afásicos reconstruem a linguagem e exercem sua subjetividade.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

2.1. Afasia e subjetividade

No que diz respeito ao conceito de afasia, tomamos a definição de Coudry (1988) que a define como uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto interpretativo quanto produtivo, causada por lesão estrutural do sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou tumores. O primeiro estudioso a inserir a linguística nos estudos das afasias foi Jakobson (1954) com seu texto "Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia". A partir da observação dos distúrbios da fala, Jakobson (1954) difere as afasias de substituição e associação com base em conceitos puramente linguísticos e a partir dos estudos de Saussure (1916).

Segundo Benveniste (1963, p. 26), “cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro”. A partir desse pressuposto acerca da língua(gem), observa-se, também, a importância das relações sociais na recuperação dos sujeitos afásicos. De acordo com o autor, a enunciação é o ato de o sujeito se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento. Com isso, tem-se como resultado o discurso sendo o produto dessa apropriação. Só é possível compreender a língua como um todo através da enunciação, pois antes da enunciação, segundo ele, a língua não é

señão possibilidade da língua. Portanto, a subjetividade é a capacidade do locutor de se propor como sujeito, sendo essa autoconsciência evidenciada pelo contraste entre o *eu* e o *tu*.

De acordo com a concepção de linguagem adotada por Coudry e Possenti (2010), sabe uma língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, ou seja, constitui pessoalmente enunciações e constitui-se através dela. Para essa perspectiva, não se pode dissociar a língua do sujeito que fala, já que a língua não é dada, ela é constituída pelos interlocutores.

2.2. Funcionamento cerebral na perspectiva de Luria

A neurolinguística discursiva também se ancora nos postulados de Luria (1981) e Freud (1891/ 1973) por pontuarem que o funcionamento cerebral ocorre de forma dinâmica e integrada em que a linguagem está representada em todo o cérebro e não estritamente localizada. Para Luria, os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos que não estão localizados em estreitas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio de estruturas cerebrais funcionando em concerto. Esse funcionamento integrado do sistema nervoso permite que um indivíduo acometido de lesão cerebral reorganize as funções comprometidas através de rearranjos neurofuncionais, fenômeno conhecido como *plasticidade cerebral*.

Outra posição teórica de Luria (1987) importante para este artigo é a que diz respeito à organização das palavras e suas estruturas semânticas. Para o autor, a linguagem exerce uma função mediadora dos processos cognitivos superiores, atribuindo à palavra o papel de elemento fundamental da linguagem. “A palavra designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência” (LURIA, 1987, p. 27). Ele afirma ainda que a principal função da palavra é o seu papel designativo que permite ao homem falar de objetos e ações mesmo na ausência destes.

Para Luria, as palavras são organizadas em campos semânticos, elas não são apenas rótulos que designam objetos, mas são multissignificativas e polissêmicas. Isso implica que

o fenômeno da multissignificação das palavras é muito mais amplo do que possa parecer e que a ‘referência objetual’ exata ou o ‘significado parecido’ é, na essência, a escolha do significado necessário entre uma série de possibili-

dades. Mais frequentemente, a particularização do significado da palavra ou sua escolha se realizam por ‘marcadores semânticos’ e ‘distintivos semânticos’ que tornam preciso o significado da palavra, diferenciando-o de outros possíveis significados. Habitualmente esta função está determinada pela *situação*, pelo *contexto* nos quais a palavra está e, às vezes, pelo *tom* em que se pronuncia. (LURIA, 1987, p. 34)

A escolha da significação de uma palavra está estreitamente ligada a fatores contextuais, além disso, o fenômeno da multissignificação das palavras também está atrelado ao significado “associativo”. Uma palavra não indica apenas um determinado objeto, mas também promove o surgimento de uma série de enlaces compostos por elementos de palavras parecidas, por exemplo, a palavra “jardim” pode evocar involuntariamente as palavras “árvores”, “flores”, “banco”, “encontro” etc. (LURIA, 1987)

As teorizações de Luria acerca da organização das palavras também nos fornecem pistas para o acompanhamento e trabalho de linguagem com sujeitos cérebros-lesados, em especial nos casos de afásicos com dificuldades de evocação como veremos nos dados presentes neste artigo.

2.3. O conceito de dado-achado

O conceito *de dado-achado* se situa no interior do conjunto de teorias e práticas da neurolinguística discursiva e a partir dele baseamos nossa prática de linguagem com os sujeitos afásicos. O *dado-achado* postulado por Coudry (1991/1996) é definido como “produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos” (COUDRY, 2008, p. 22-23). Os dados-achados se constituem como pistas para que o investigador possa decifrar a maneira pela qual o sujeito afásico reconstrói sua linguagem quando está envolvido em práticas sociais de uso da linguagem, convivendo com sujeitos não afásicos e afásicos. As discussões realizadas estão ancoradas em Coudry (2008, p.23) quando afirma que

os dados[...]se tornam *achados* pelo olhar teórico que a eles é lançado ao mesmo tempo em que se descortina um *achado* para lidar com as dificuldades postas pela afasia. O movimento da teoria para o dado e do achado para a teoria tem sido essencial para a ND [neurolinguística discursiva] tratar a relação sujeito/linguagem. Nesse trânsito, descobrem-se modos de operar com os rearranjos possíveis que se apresentam como solução para dificuldades.

Coudry (1996) ainda salienta que quando os dados são construídos na interação, o vínculo formado entre o investigador e paciente se torna importante para a manifestação do dado. A análise dos dados através dessa perspectiva possibilita que o investigador direcione a reconstrução da linguagem não apenas em função do déficit, mas permitindo a articulação entre os níveis linguísticos.

3. Metodologia

A metodologia da pesquisa é baseada no conceito de dado-achado exposto por Coudry e a partir de um acompanhamento longitudinal com sujeitos afásicos. A coleta de dados é realizada por meio de cadernos de registro de anotações e transcrições de gravações em áudio desses acompanhamentos realizados semanalmente (individualmente) e quinzenalmente (em grupo) no Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos (ECOA) que é um espaço onde a comunidade acadêmica de professores pesquisadores e de estudantes pesquisadores recebe sujeitos afásicos e que funciona no LAPEN-UESB. O caderno de registro das sessões auxilia no momento de busca de episódios na medida em que contém as descrições das atividades e observações realizadas pelo pesquisador no momento da interlocução com os afásicos.

Os dados presentes neste trabalho foram coletados a partir de um recorte de um acompanhamento em grupo no ECOA e de um acompanhamento individual com um afásico de terceira idade, identificado como PN, cuja afasia é resultante de um acidente vascular cerebral apresentando como sequelas dificuldades de escrita e de evocação verbal, tendo a leitura preservada. De acordo com a classificação de Jakobson (1999), PN apresenta predominantemente dificuldades com o eixo paradigmático da língua, apresentando uma afasia de substituição.

A metodologia consiste ainda no princípio da intervenção que é realizada por meio de leitura, escrita de textos e dramatizações que também funcionam como técnicas de coletas de dados. A intervenção consiste na interação com o participante na medida em que o investigador assume o papel de interlocutor por meio dessas atividades que são realizadas levando em consideração a história de vida e os interesses do afásico com o intuito de reinseri-lo em práticas sociais de uso da linguagem.

A seguir, discutiremos alguns dados extraídos dos acompanhamentos.

4. Resultados e discussões

O dado a seguir foi coletado a partir de uma situação interativa de um dos acompanhamentos individuais com PN no ECOA. Os investigadores estão identificados como Ins e Irs e o sujeito afásico como PN. O dado 1 apresenta uma descrição do momento de interlocução com o afásico feita pelo investigador a partir do caderno de registro das sessões.

4.1. Dado 1 - 07/11/2014

Durante o acompanhamento individual, Ins e Irs estavam lendo a fábula *A cigarra e a formiga* juntamente com PN, em seguida, as investigadoras pedem para PN ler em voz alta o título da fábula. PN começa a ler, depois que PN realiza a leitura e após uma longa pausa, ele se dirige à Ins e fala a palavra “praga”.

A partir do contexto em que a fala de PN está inserido e da leitura previamente realizada por ele, podemos inferir que PN quis dizer que tanto a formiga quanto a cigarra são pragas. O dado nos mostra que o sujeito afásico encontrou uma maneira alternativa de se expressar. Como visto anteriormente, para Luria, a palavra não gera apenas a indicação de um objeto em particular, mas inevitavelmente provoca o aparecimento de uma série de enlaces “que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior etc.” (LURIA, 1987, p. 35). Não conseguindo realizar uma sentença completa, PN ressignifica as palavras “formiga” e “cigarra” através da geração de um enlace com a palavra “praga”.

O sentido de praga atribuído a esses animais por PN não estava contido no texto. Isso mostra o *trabalho com a linguagem* (FRANCHI, 1992) realizado por PN, através da *associação* (FREUD, 1973) feita por ele. PN associou seu conhecimento de mundo à *atividade epilinguística* realizada pelas investigadoras, o que possibilitou a expressão de sua subjetividade.

4.2. Dado 2

O dado a seguir foi extraído de uma sessão em grupo no ECOA em 08 de fevereiro de 2013. O investigador está identificado como Ida e o sujeito afásico como RG.

Contexto: O grupo acaba de ouvir uma música e os integrantes começam a comentar sobre ela.

Sigla do locutor	Transcrição
Ida	gostaram da música?
RG	Gostamos
Ida	mais tranquila né? que a outra
RG	mais ou menos. [...] ela..ela tem muito instrumento, tanto é assim, que no final, que ela faz... só voz e violão... mais fácil... assim eu consigo...eh..entender...mais fácil...entendeu?...aí como tem ali, bateria, não sei o que [...] tanto é que no finalzinho que ela só fala assim...é...fica bem mais fácil pelo menos pra eu entender [...] isso é que às vezes, difi... dificulta...quando tiver muito barulho [...] tem que dá um tempo...pra...pra meu ouvido acostumar

A intervenção realizada pelos investigadores através de uma atividade que faz parte do cotidiano e interesse do sujeito permitiu que RG refletisse sobre suas dificuldades decorres do AVC fazendo um relato/desabafo para grupo. Assim, uma metodologia que leva em consideração a história prévia do sujeito permite que ele exerça a subjetividade ao passo que viabiliza a sua *autonomia discursiva*. Para Benveniste (1976) a ideia de sujeito é constituída de um *eu* e um *tu*. Ao relatar sua dificuldade em focar a letra da música devido ao som dos instrumentos tocando simultaneamente, RG se propõe como sujeito (o *eu* do discurso) e o grupo que ouve o seu relato se constitui o *tu* da enunciação.

5. Conclusão

As dinâmicas de grupo colocam em evidência a maneira como os sujeitos afásicos lidam com suas dificuldades e como reagem quando estão face a face com as dificuldades dos outros sujeitos participantes das mesmas atividades.

As atividades em grupo complementam as sessões individuais, além de permitirem que o afásico entre em contato com as mais diversificadas práticas sociais de uso da linguagem, o que propicia a eles um momento de partilha de experiências. Os acompanhamentos longitudinais com a utilização de atividades significativas para o sujeito possibilitam a mobilização de diferentes estratégias de reconstituição da linguagem e permite o compartilhamento de experiências que se mostram importantes para o processo de reinserção social de sujeitos afásicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e de olhares. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, UESB, 2008.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*, vol. I. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

_____. O que é dado em neurolinguística. In: _____. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 42, p. 99-129, 2002.

_____; Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. In: *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista: UESB, 2008.

_____; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: _____. *Web Discursividade*. Campo Grande: UEMS, 2010.

_____; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Pressupostos teórico-clínicos da neurolinguística discursiva (ND). In: COUDRY, Maria Irma Hadler et al. (Orgs). *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 22, 1992, p. 9-39.

FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Trad.: Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad.: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.

LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

MORATO, E. Neurolinguística. In: _____. *Introdução à linguística II: domínios e fronteiras*, vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

SAMPAIO, N. F. S. *Uma abordagem sociolinguística da afasia: O Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma comunidade de fala*. 2006. Tese (de Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1990.